AS DISPUTAS DE SENTIDO NOS VÍDEOS-MANIFESTO SOBRE A INDICAÇÃO DE UMA MINISTRA NEGRA AO STF

Monik Milany Santos Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3664-8231
Endereço eletrônico: monikmilany@gmail.com

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6597-6192

Endereço eletrônico: gcortes@uesb.edu.br

Palavras-chave: ministra negra; memória discursiva; resistência.

INTRODUÇÃO

Após a histórica rejeição, pelo Senado, da indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), em abril de 2026, o Instituto de Defesa da População Negra (IDPN) relançou, em 13 de maio do mesmo ano, por meio de um vídeo-manifesto nas redes sociais digitais, entre outras ações, a campanha por uma ministra negra na Suprema Corte brasileira. A data foi escolhida como uma crítica ao que nomearam de "abolição inconclusa" da escravidão no Brasil, e, desta vez, a campanha trouxe como slogan "Ministra Negra 2026 – Indicação é Reparação", inclusive com o uso de *hashtag* com a mesma formulação.

O manifesto defende que a indicação de uma ministra negra ao Supremo representaria um gesto de reparação histórica do Estado brasileiro, uma vez que, em mais de 130 anos de existência do órgão, nunca houve uma mulher negra indicada ou ocupando uma cadeira no STF, e que esse grupo populacional segue na base das desigualdades no país.

Além disso, ele afirma que há juristas negras qualificadas para ocupar qualquer espaço de poder e decisão no Brasil. De tal modo que a ausência de uma ministra negra no Supremo não

se justifica pelo quesito falta de competência, mas, ao contrário, tem por base uma estrutura que, historicamente, excluiu a população feminina negra, dos espaços de decisão.

O mesmo sentido de denúncia foi instaurado, anteriormente, em 20 de novembro de 2025, quando da indicação de Jorge Messias ao cargo, por meio do vídeo "Negra jovem: versos manifestos". Também publicado nas redes sociais digitais, esse manifesto critica o fato de, em pleno dia que se reflete sobre a luta, a resistência e a contribuição da população negra para o país, bem como se promove o debate e o combate ao racismo, mais uma vez, num período de três anos, o presidente Luís Inácio Lula da Silva decidiu indicar um homem branco para a vaga aberta no STF.

Entendemos, como afirma Vinhas (2021, p.148), que "é necessário expor a raça, o gênero e a classe à opacidade das determinações ideológicas na construção de dispositivo de interpretação", para, desse modo, perceber "a forma como determinam os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos" e as contradições que são constitutivas da nossa formação social. Desse modo, objetivamos neste trabalho, à luz dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux e das contribuições das Ciências Sociais, observar as disputas de sentido instauradas em ambos os vídeos-manifesto, que integram a mobilização por uma ministra negra ao STF, e como eles funcionam enquanto discurso de resistência nas redes sociais digitais, instaurando o confronto com os sentidos hegemônicos.

METODOLOGIA

O percurso analítico deste trabalho teve início pela constituição do arquivo, concebido, no sentido amplo, como um "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão" (Pêcheux, 2010, p. 51). O ponto de partida foi o próprio campo de busca da rede social digital *Instagram*. A partir daí, recortamos, por meio da captura de tela [print screen] duas Sequências Discursivas (SDs), que compõem o *corpus* de análise deste artigo e sobre as quais realizaremos os gestos de leitura ancorados na "tensão entre descrição e interpretação no interior da análise do discurso" (Pêcheux, 2015, p.18).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

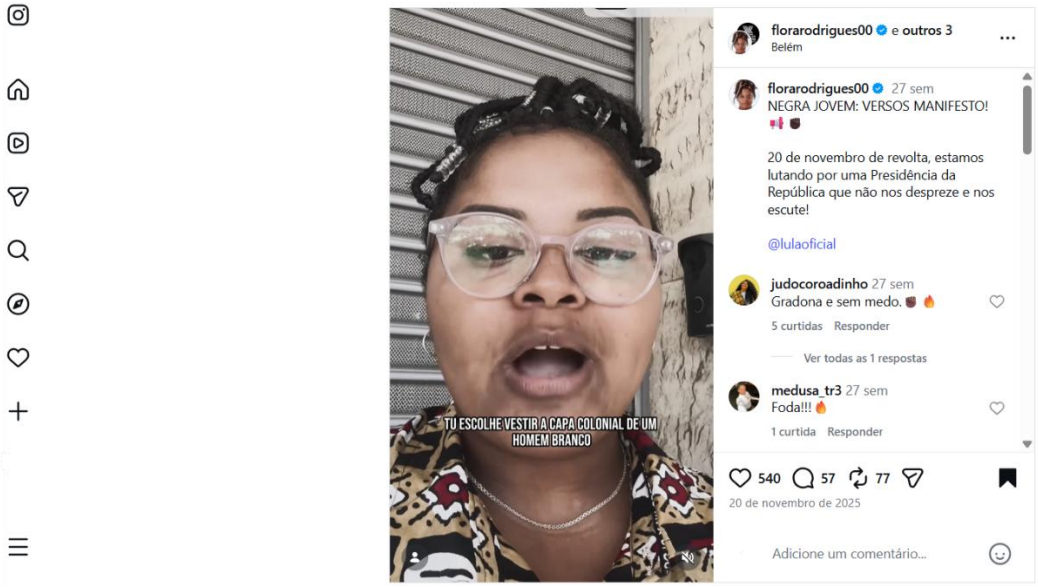
SD01



Disponível em: https://www.instagram.com/p/DYSUH5OxtYt/ . Acesso em: 13 mai. 2026.

A SD01 é a captura de um fotograma do vídeo-manifesto “13/05: Ministra Negra 2026 – Indicação é reparação”. Ou seja, de “uma forma visual estabilizada mediante um procedimento de ‘suspensão’ momentânea do movimento” (Medeiros e Glozman, 2019, p. 11). Observamos que as formulações “[...] Defendemos que indicação é reparação...reparação pela exclusão histórica das pessoas negras dos espaços de poder, reparação diante de um sistema de justiça que segue distante da maioria da população brasileira [...]”, inscritas no vídeo publicado pelo perfil do IDPN funcionam como gesto de resistência aos sentidos estabilizados pela Formação Discursiva (FD) racista que, atravessada pela ideologia meritocrática, naturaliza os sentidos acerca do espaços institucionais de poder como neutros e universalmente acessíveis. Ao igualar “indicação” à “reparação”, observamos ainda que o IDPN assume uma posição-sujeito de denúncia, pois desloca o sentido de evidência da escolha meramente técnica, pelo notório saber jurídico, e reinscreve à indicação ao STF o sentido de resposta para uma memória histórica de exclusão da população negra dos espaços de decisão no país. Afinal, como destaca França (2022, p. 92), “[...] se algum gesto de resistência é possível, ele se formula no enlace do coletivo/social, e principalmente numa tomada de reflexão crítica na/da/pela linguagem”.

SD02



Disponível em: https://www.instagram.com/p/DRSnhjED8Yx/ . Acesso em: 20 nov. 2025.

A SD02 também é constituída do fotograma, desta vez, do vídeo-manifesto "Negra jovem: versos manifesto", publicado no perfil da poetisa e comunicadora Flora Rodrigues. Segundo Cestari (2017, p. 196), os discursos antirracistas e feministas estão localizados nas lutas ideológicas de deslocamento. Daí que "há o engajamento do sujeito na luta pelos sentidos para se significar". Razão pela qual a autora considera estes discursos como "potenciais discursos de resistência que se constituem e são constituídos por sujeitos em seus deslocamentos contingentes sob e contra a dominação ideológica". Dito isso, observamos com a formulação inscrita no vídeo "[...] ainda assim tu escolhe *[sic.]* vestir a capa colonial de um homem branco que sempre escolhe outro homem branco pra *[sic.]* embranquecer o poder. Embranquecer porque ele parece com você", uma tomada de posição antirracista pela poetisa. O discurso produz efeito de denúncia quanto à permanência de uma lógica de distribuição do poder no STF, que tem a ver com a continuidade das estruturas raciais herdadas da colonização, e não com uma atitude racista isolada, e com o não-dito do racismo, que é o fato dos espaços de decisão no país se organizarem a partir de uma norma racial branca.

CONCLUSÕES

Em um primeiro gesto de leitura das SD01 e SD02 recortadas da rede social *Instagram* para esse estudo, amparado nos pressupostos da Análise de Discurso pêcheuxtiana, em diálogo com os estudos das Ciências Sociais, observamos que ambos os vídeos-manifestos se constituem enquanto discursividades de resistência aos discursos racista e machista; fazem funcionar – e circular nas redes – os confrontos com a memória discursiva racista, com os sentidos de réplicas e tréplicas, como afirma Pêcheux (1999, p.56); instaura deslocamentos e novos efeitos de sentido acerca da representatividade negra e da ocupação de espaços de poder. Elas tensionam sentidos naturalizados pela ideologia racista e meritocrática acerca de quem pode ocupar as vagas abertas no STF.

REFERÊNCIAS

CESTARI, Mariana J. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise de Discurso. In: ZOPPI FONTANA, Mónica G; FERRARI, Ana Josefina (Org.). **Mulheres em discurso**: identificação de gênero e práticas de resistência. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 183-203.

FRANÇA, Glória. Racismos e resistências: intersecções entre o corpo e o digital. In: LOURENÇO, Julia; FONTANA, Mónica Zoppi; BARONAS, Roberto L. (Org.). **Feminismos e Linguagens**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 77-95.

MEDEIROS, V.; GLOZMAN, M. Pregas sobre um título: fotograma das tensões e disputas discursivas na/da atualidade. **Fragmentum**, v. 54, p. 9-18, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/41998/pdf. Acesso em 27 mar. 2023.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 49-59.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

VINHAS, Laís Iost. E se fosse ao contrário? Se o gênero nos une, a classe e a raça nos dividem. In: **Pêcheux em (dis)curso**: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nadia Azevedo. v. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 141-164.